

IMPLICAÇÕES DO EVENTO CRISTO

Para a Concepção de Deus (*Teologia*), de Ser Humano (*Antropologia*),
de Salvação (*Soteriologia*), num Mundo Plurireligioso,
numa Modernidade em Crise.

*Prof. Rev. Nelson Celio de Mesquita Rocha**

UM MUNDO PLURIRELIGIOSO E UMA MODERNIDADE EM CRISE

No presente artigo consta uma visão panorâmica da atual situação em que se encontra o nosso mundo, que é um mundo plurireligioso, com uma experiência de modernidade em crise com suas diversas propostas e paradigmas.

A experiência da humanidade está marcada pela tensão que flui da correria exacerbada por um sentido que possa garantir vida através do ter em detrimento do ser. A crise tem a sua base na estrutura que implicou numa preocupação pelo que a pessoa tem, esquecendo-se do mais importante, que é o que se deve ser de fato, pessoa, gente, ser humano. Parece que *ser humano* hoje não tem mais sentido. Pessoas só se aproximam de outras interessadas no que se tem como posse material de suprema importância. O que se tem, ou o que se poderá ter virou objeto de *idolatria*, a ponto de haver um atropelamento, um passar por cima de todos os valores verdadeiramente considerados humanos do ponto de vista que a Palavra de Deus aponta. Parece que a felicidade está bem distante de todos nós; parece que não há mais saída. O que é certo se torna errado, e o que é errado torna-se certo. *É uma sociedade invertida*. Dizem os cétricos: não tem mais jeito.

Mário de França Miranda em sua obra *Um Homem Perplexo*, em bom momento que denomino um “*kairós*” (tempo de Deus na história, pois Ele usa pessoas para realizar a sua vontade), faz algumas colocações acerca do que está ocorrendo em nosso mundo ao ponto do ser humano ficar perplexo diante dos fatos que ocorrem dentro da sociedade. Os valores que estruturam a vida humana estão marcados pela exaltação do fator econômico, pela busca de bem-estar, pelo anseio de sucesso a todo custo, pelo culto à privacidade e a dedicação à família¹. Nesse contexto, parece que a Igreja não encontra meios para pregar e viver a sua mensagem fundamentada no evangelho. Se a Igreja está presente no mundo, por que tantas crises? Não é ela a comunicadora da mensagem de Deus aos povos? Na obra retrocitada, o seu autor levanta algumas questões fundamentais: o viver numa sociedade pluralista e secularizada, o sentir o influxo do individualismo, o exótico fenômeno da volta ao sagrado e o ser rodeado por uma diversidade de religiões oferecendo a sua salvação.²

Um mundo plural. Em tudo se constata uma pluralidade. Há pluralidade nos partidos políticos, nas ideologias, nas diversas estruturas da família, na economia, na justiça, na religião... A Globalização motivada pelo poder econômico (deus) veio influenciar todos os segmentos da existência humana a ponto de tudo o que se faz torna-se dependente desse poder. O impacto atinge todas as classes sociais, e chega a níveis dramáticos.³ Essa nova realidade veio para ficar e se impor⁴, pois não se pode mais excluir os que têm correntes ideológicas diferentes dos cristãos.⁵

No campo religioso, todos os países estão experimentando esse impacto. No Brasil, por exemplo, nesses últimos tempos têm surgido muitas seitas novas, bem como grupos denominados cristãos, e assim, parece haver uma dificuldade para a pregação evangélica. Maria Clara Luchetti Bingemer em sua obra *Alteridade e Vulnerabilidade*, argumenta que o Brasil possui em seu bojo o cruzamento de três tradições: a européia, a africana e a indígena; formando, portanto, o Brasil de hoje, sobretudo o Brasil católico e protestante histórico⁶. Daí a pluralidade que decorre também dessas tradições.

Essa pluralidade geral traz conseqüências que traçam um perfil de individualidade, a ponto de cada pessoa formar os seus conceitos acerca do mundo e de Deus, respectivamente. Cada um tem o seu modo de vida, e também a sua salvação. Agindo-se desta maneira, concomitantemente, constrói-se um modo autônomo e individual, determinado por uma forma de existir, estabilizando-se a maneira de não haver uma preocupação com outras visões de outras pessoas ou grupos⁷. Isto é visto explicitamente nos comerciais de TV, por exemplo, um homem sentado numa praça lendo uma revista lançada recentemente no mercado, come pipoca e se deleita com as reportagens. No mesmo instante alguns pombos se aproximam com gestos característicos dos humanos, porém sem usar a comunicação da linguagem falada, pedem um pouco daquela comida, usando muitos malabarismos. A conclusão é que o homem não se importa com o que está acontecendo à sua volta, e os pombos saem de cabeça baixa e tristes por não terem sido atendidos. Esse modo de viver isolado causa mais tribulação à existência cotidiana.

O comercial não é diferente das religiões, que também promovem o individualismo, onde cada uma tem seus projetos de salvação pelo “segure-se quem puder”. Portanto, numa sociedade pluralista cabe ao indivíduo construir, diante daquilo que lhe é oferecido, a sua própria identidade social.⁸ Constrói-se uma personalidade deformada e desprovida de firmeza. Pessoas por não terem uma boa estrutura, ficam titubeantes em todos os ângulos da existência, sem saber onde encontrar refúgio. Formam-se várias personalidades: opressores, oprimidos, viciados, dependentes de diversos meios, assassinos, pornográficos, pornofônicos, promíscuos, prepotentes, impotentes... É o produto da confusão reinante e que parece não ter mais fim. Um mundo plural e uma modernidade em crise.

Uma modernidade em crise. A modernidade tem em si características principais como, por exemplo, pensar não mais mítica, mas historicamente; regendo-se não mais pelos parâmetros religiosos, mas por uma nova visão que não conhece absolutos.⁹ Nesse contexto o cristianismo não aparece mais como o que possui a única palavra salvífica. O conceito de eternidade não tem mais o seu lugar, e o tempo vivido é apenas restrito ao que é em si, e desprovido de esperança por um mundo melhor. Quando se fala em mundo melhor, por meio da mídia, geralmente sai da boca de pessoas que têm compromissos somente consigo mesmas, seja em nível político ou religioso. Dá a impressão de não existir mais aquela esperança militante que ensina a Bíblia.

O homem moderno caminha para frente confiando apenas nas suas energias, quer dominar o mundo com as suas idéias pela ciência e pela técnica¹⁰. É o homem querendo se afirmar como Deus, como ser supremo, na qual acredita ser ele. Com isso, vai se esquecendo de cuidar do semelhante e da natureza; esquece de ser dom de Deus; da responsabilidade que lhe confiou o Criador: a mordomia da terra. Com isso vai se tornando um solitário. Isso é visivelmente demonstrado pela vida dos condomínios fechados, onde se experimenta a prisão, o encastelamento. Basta verificar quantas pessoas vivem em seus apartamentos, longe de tudo e de todos. As fobias tomam conta do indivíduo. Enquanto isso, o medo vai imperando, e ninguém sai mais de casa a qualquer hora do dia ou da noite por causa da violência criada pelo próprio homem em sua ganância. Os grupos humanos encontram-se acorrentados e escravizados ao mais prepotente e terrível opressor: eles mesmos.¹¹

Diante de tanto progresso, o ser humano não encontra resposta para as questões mais cruciais de sua existência. Percebe-se tantas religiões e grupos que levantam algumas bandeiras sem sucesso. Há até certa percepção que acentua uma vida espiritual tentando se afirmar por alguns pressupostos, mas ao mesmo tempo em que o homem é extremamente religioso é também materialista, pois se observa hoje os propósitos religiosos-individualistas: o homem quer o seu bem próprio, esquecendo-se do seu semelhante. “Salve-se quem puder!”

O que fazer diante de tanta negatividade? Que resposta tem o cristianismo, a Igreja, para as questões que preocupam o homem moderno? A teóloga Maria Clara Lucchetti Bingemer argumenta que esse campo plural e diversificado apresenta grandes desafios à proposta do cristianismo, que

tenta mostrar os contornos do rosto de Deus que lhes foram revelados ao longo da história e da experiência de sua tradição.¹²

Os pontos seguintes deste trabalho se apresentam como uma tentativa de se resgatar o que está se perdendo ao longo da história marcada por reveses. O *Evento Cristo*, conforme nos garantem os relatos evangélicos, nos possibilita ter um perfil que produz uma nova sensibilidade, uma percepção verdadeira do que se entende a respeito de Deus, do ser humano e de salvação. Esse evento, em sua origem, apresenta o perfil para o resgate da verdadeira maneira de existir na história, ainda que transtornada pelo pecado, sinônimo do afastamento de Deus e do próximo.

O EVENTO CRISTO NOS POSSIBILITA TER DE FORMA MARCANTE:

1 - UMA VERDADEIRA CONCEPÇÃO DE DEUS (*Teologia*)

O que as pessoas venham a pensar de modo correto acerca de Deus se constitui um desafio para que a Teologia se posicione, não somente por um ângulo de transcendência, mas pelo de se incumbir e de formar uma consciência de práxis histórica. A Teologia, no que concerne à sua própria definição, tem a pretensão de ser palavra organizada, reflexão sobre Deus, que se constitui a questão fundamental da fé e da própria existência humana.¹³

Não se pode olvidar que o centro do fenômeno religioso em todas as religiões é Deus¹⁴. Deus faz parte das tradições religiosas de todo o mundo, ainda que a modernidade tenha tentado aniquilar todo o horizonte de compreensão acerca da divindade. O espaço da existência humana por muito tempo foi preenchido e marcado pela concepção que levou a uma crise, e que jogou para longe o conceito de Deus. Daí, a pós-modernidade caminha sob vários pontos cambaleantes, que tentam desestruturar o que sobre Deus verdadeiramente se pode pensar e experimentar na trajetória da existência humana. Os tempos pós-modernos, no fundo, preconizam a desapareição mesma de Deus e de qualquer rastro de sua existência.¹⁵ Passou-se a viver numa estrutura fragmentada por ideologias e práticas desprovidas de segurança que não são evocadas pela Palavra de Deus. Ao mesmo tempo em que o homem tenta se afirmar como um ser religioso, buscando parâmetros para a sua vida pelo exercício de uma fé em Deus, se mistura no emaranhado de ideologias, chegando também a certas conclusões providas de ambigüidades.

Conceber o que se deve pensar sobre Deus não pode partir de premissas elaboradas simplesmente pela imaginação humana, despercebida de uma teologia que viabilize pensar na história e não acima dela. O que se pode denominar de uma boa teologia é a que não está aquém do processo histórico, mas em seu conteúdo inserida, tomando parte em todos os acontecimentos que se sucedem.

O *Evento Cristo*, verdadeiramente se constitui a premissa mais forte para essa concepção. A sua divindade e existência encontram base na ressurreição, logo, a fé na ressurreição de Jesus, desde que foi proclamada no dia de Pentecostes e depois deste, não vai simplesmente garantir consistência no que se crê dele, mas crer nele e esperar algo dele. O que se pode esperar é a *salvação*¹⁶. A fé na ressurreição de Jesus é fundamental para a existência da comunidade de fé. Jesus, segundo os relatos evangélicos, vai delinear tudo o que se pode refletir para se conceber acerca de Deus; destarte, tudo o que se crê de Jesus é depositado na fé.¹⁷

Jesus, através dos relatos do Novo Testamento, principalmente os evangelhos, revela quem é de fato Deus. Deus é um Deus de amor, de pura misericórdia, não distante das pessoas, mas penetrando na existência humana a ponto de permitir que o seu próprio Filho se entregasse por nós. Segundo as Escrituras Jesus morreu pelos nossos pecados¹⁸. Esse acontecimento é revelador da novidade de

Deus, de seu ser trinitário. Jesus foi vítima de expiação pelos nossos pecados. O que significa essa afirmação? Tem o seu significado no sentido de que Deus não quis que seu Filho morresse, não existiu nenhum propósito predeterminado a fim de que Jesus viesse ao mundo para morrer, mas foi a sua fidelidade ao Pai, a compreensão que passou a ter do que constava nas Escrituras, à semelhança dos profetas, entendeu que tinha de ir às últimas conseqüências no sentido garantir a nossa salvação¹⁹. Jesus é o Deus que veio para servir. Deus é um Deus de serviço, porque ama profundamente e se interessa por suas criaturas, e deseja ensinar isso a elas, ainda que sejam rebeldes para com as benesses do Criador.

Apesar de toda a rebeldia do povo, conforme se entende esse perfil no Antigo Testamento e repetindo-se também na história posterior, Deus executa a sua paciência e amor. As vias da salvação implicam certa intuição de Deus, conforme a que se encontra nos profetas: Deus é tardio na sua cólera e cheio de misericórdia, é Deus de paciência e amor²⁰. Diante disso, constata-se que a morte de Jesus tem uma intenção salvífica, e Deus se vinga ressuscitando a Jesus dentre os mortos em benefício de todos²¹. Logo, Jesus em sua trajetória dava a seus sofrimentos um sentido salvífico; sua morte convertida em ressurreição é obra do Deus de amor, que não contemplou a miséria humana desinteressadamente, antes exercitou o seu amor de modo integral.

Utiliza-se a palavra *resgate* no Novo Testamento não em outro sentido, senão no que tange ao se fazer servo da classe social mais baixa. *Jesus não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*. Isso significa que ele veio dar a sua vida. Não através da expiação, mas de serviço à humanidade. Este pensamento teológico é importante para que se possa compreender quem é Deus segundo tudo o que Jesus realizou para a nossa salvação. Em João 13.12-17 consta o relato simbólico de lavar os pés, assim como o de compartilhar a ceia eucarística, expressa Jesus o sentido de sua vida e de sua morte, que enuncia a continuação das palavras que têm valor de testamento, portanto, salvífico e não expiatório. Nessa passagem, o Deus que mostra Jesus não é outro senão o Deus de serviço à humanidade.

A palavra do Pai é a missão, o mandamento confirmado a seu Filho. Jesus se entrega voluntariamente, por amor aos homens tanto quanto a seu Pai.²² Pode-se afirmar tomando-se as palavras de J. Moingt em sua obra *El Hombre Que Venía de Dios: Una vitória do Amor*.²³ Esse é o ato de se dar, de se entregar sem barreiras. Verificar os textos bíblicos: Rm 8.21-32; Gl 2.20-21; Ef 4.32-5.2; 5.25.

Jesus conquistou para nós o direito de chamar Deus de Pai. Por trás dessa paternidade está tudo o que nos garante a vida plena. Não está Ele distante da nossa história, antes caminha conosco, nos possibilitando vencer todas as adversidades.

Mas também Jesus nos ensina a ter uma concepção de Deus como o totalmente outro; aquele que veio em nosso favor. Logo, somos colocados diante da verdade de que devemos amar uns aos outros, assim como Deus nos amou (Jo 13.34). O próximo é também um absoluto, pois está na mira da pedagogia de Jesus²⁴. Respeitar o semelhante é respeitar a Deus e vice-versa. Pensar assim nos leva a refletir numa antropologia equilibrada e resgatar o verdadeiro sentido de se conceber Deus na história, determinando parâmetros dimensionadores do relacionamento que encontra o seu êxito no comportamento ético comprometido com as bases do Reino de Deus que é o serviço.

O conceito que os fariseus do tempo de Jesus tinham acerca de Deus era o que eles mesmos achavam de si, quando exerciam o monopólio religioso no sentido de oprimir as classes mais baixas da sociedade. Mas, vem Jesus andando e comendo com os pecadores, mostrando uma nova identidade de Deus²⁵. Surge, portanto, um conflito entre o que se pensava acerca do Deus dos pais, tal como foi formado nas mentalidades e nas instituições religiosas do passado, e o que veio a existir historicamente através de Jesus de Nazaré. Era preciso crer em Jesus e reconhecê-lo como o

revelador da novidade de Deus. Deus é um Deus que existe para os homens, que não os deixa sozinhos em suas misérias, e que trabalha a fim de que sejam mais humanos, unindo-os num laço de amor fraterno. Um Deus que quer fazer novas todas as coisas e se relacionar com os homens.²⁶

Deus foi revelado em Jesus. Ele é o próprio Deus. Um Deus próximo. Um Deus de amor. Era preciso reconhecer Jesus como o enviado do Pai. Verificar Jo 8. 18-19; 14.5-

10, onde está escrito que, quem conhece a Jesus também conhece o Pai. Através de Jesus pode-se compreender quem é Deus.²⁷ O Deus de Jesus é seu Pai. A palavra de Deus se **converteu** na palavra de Jesus, que interpela os homens a darem uma resposta de compromisso, de serviço ao próximo, e de poderem chamar Deus de Pai, tendo como fundamento a projeção de Deus em Jesus, com a mesma verdade que Jesus tinha no Pai. A paternidade de Deus é o dom da vida, e a garantia de que não estamos sozinhos à mercê do mal.

Diante dessa concepção de Deus a partir do evento marcante da pessoa e obra de Jesus, basta que se busque viver essa realidade, que tem sua fonte nos relatos da Palavra de Deus, e muito mais, na certeza de que o Deus de Jesus é o nosso Pai. Sabendo de fato quem é Deus, pode-se ter a percepção exata do ser humano, que é tratado no ponto seguinte.

2 - UM CONCEITO CORRETO DE SER HUMANO (Antropologia)

Encontramos no *evento Cristo* o verdadeiro resgate do humano, que precisa ser repensado em termos de valor, de feitura do Criador, bem como sua imagem. Somente se resgata esse ser a partir da reflexão e da práxis evangélica, observando todo o contexto vivido intensamente por Jesus de Nazaré, que deu a sua vida a fim de fazer feliz a raça humana - objeto do amor da Trindade.

O ser humano é valor em si mesmo, ainda que esteja no mais profundo do abismo, no vale da sombra da morte. Isso é o valor que se dá à vida quando se investiga a experiência de Jesus junto ao Pai, no sentido de não ser pusilânime ao defender a causa de quem estava sendo oprimido e injustiçado, antes estando na linha de frente do combate em favor da vida. Ele mesmo disse: “*Eu vim para que tenham vida...*” (Jo 10.10). Não somente investigar a vida do Filho de Deus, mas viver sua experiência, que é a conversão do mal para o bem, do pecado para a graça, das trevas para a luz.

A única via para se compreender e se desenvolver uma antropologia de qualidade é a do relato evangélico, que se tem elegido para recorrer e não desembocar numa rua sem saída, antes deve permitir alcançar o ser de Jesus, efetuando passo a passo a história de sua pessoa²⁸. Como Filho de Deus, que é base da pregação da Igreja, Jesus sempre procurou fazer a vontade do Pai, vivendo uma relação de amor, sendo obediente e pagando o preço pela obediência. Essa relação de amor ensina ao homem que este deve também viver nessa condição, pois o princípio estabelecido, através desse relacionamento singular, caracterizou o que os homens devem realizar entre si na história²⁹. Jesus viveu uma existência totalmente entregue a Deus. Em sua experiência marcante também deixou o legado de que o Criador chama o ser à existência, convocando-o a ser pessoa, e esta não se constitui a si mesma completamente sozinha, em solidão e clausura, mas na comunhão de uns com os outros em amor³⁰. Logo, o verdadeiro conceito de pessoa e de ser humano se entende em Jesus de Nazaré. Como Jesus construiu a sua pessoa se compreende na perspectiva de que a sua atividade e liberdade de consciência acontecem a todo indivíduo. Construiu-se como pessoa de Filho de Deus, através da obediência radical a Deus, identificando-se como puro representante de Deus.

Todas essas atividades referentes à vida de Jesus de Nazaré concorreram para formar a sua pessoa, o ser-sujeito. Um duplo movimento acontecia, pois, Jesus saía de si mesmo em direção ao outro que estava em aflição, tornando possível uma reconciliação com Deus e consigo mesmo. Isto

é amor. Amor que é movimento em direção ao outro. A própria morte de Jesus é traduzida em amor.

Não existe maior prova de amor do que esta: *de alguém dar a sua própria vida em favor de outrem* (Jo 15.13). Ao penetrar na história, Jesus assumiu a condição de servo por amor sem as marcas do pecado, em plena condição humana, negando o igualar-se a Deus, ou mesmo pretendendo elevar-se por cima de nós outros, antes ocupando o último lugar (Fp 2,6-8). J. Moingt, referindo-se a K. Rahner³¹, sobre o que ele chama a teoria rahneriana argumenta que, Cristo como acontecimento absoluto de autocomunicação de Deus aos homens, fez-se homem de Deus e o caso único da consumação essencial da realidade humana, que consiste em que o homem exista perdendo-se no secreto absoluto que nós chamamos Deus. A existência histórica de Jesus como Filho de Deus e Filho do Homem deu garantia à humanidade, de poder ser reconhecida a partir do valor que é em si mesma como criação de Deus. Ainda, J. Moingt, também ao fazer referência a W. Pannenberg³², diz que Cristo é o Filho de Deus enquanto é este homem, posto que sua pessoa de Filho é a consumação, nele e por ele, da vocação de todo o homem para chegar a ser filho de Deus.

O resgate antropológico, de ser humano, encontra na pessoa de Deus revelada em Cristo, um Deus que tem existência histórica; que faz história com os homens.

J. Moingt pode mostrar três pressupostos de Deus no evento Cristo agindo na história³³: 1) A manifestação de Deus na história pertence a seu ser, é de ordem dele ser manifestado; 2) A exteriorização de Deus se converte em autor da nossa salvação; 3) A exteriorização de Deus no acontecimento de Jesus morto e ressuscitado é um ato de *kenosis*. Encontra-se na história um Deus que dialoga com o homem, que se revela por meio da linguagem. Destarte, entende-se que é uma história de criação e de salvação. Encontramos no Antigo Testamento Yahveh dizendo EU SOU.

Não se pode olvidar que foi na história que o *Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade* (Jo 1.14). Nascido de uma mulher³⁴ para se constituir o caminho que conduz o homem a Deus chamando-o de Pai. A tradição de Israel, em seu bojo, esperava a vinda do Servo de Yahveh, de uma intervenção expressa de Deus na história, de uma ação de geração, de um nascimento (Is 49.1-6)³⁵. Jesus, sendo Filho de Maria por obra e graça do Espírito Santo, significa que pertence à raça humana e sua história.

Jesus foi concebido pelo Espírito Santo. Quem é o Espírito Santo? É a força divina, força de vida, fonte da palavra; tem Ele um poder fecundante e ao mesmo tempo, santificante. Estes atributos do Espírito conferidos em Jesus mostram que no ser humano existem também todas as possibilidades vitais, que o impulsionam a viver e fazer história, à semelhança de Jesus de Nazaré. O Verbo em pessoa é o princípio que põe a história em movimento, dá-lhe sentido³⁶. Isto para a antropologia é algo extremamente importante, e resgatador de valores esquecidos por uma sociedade que encontra nos seus deuses falsos (ideologias perversoras) o deslocamento de tudo o que torna a vida sadia.

Ao observar nos relatos neotestamentários a vida de Jesus, agindo no poder do Espírito Santo em favor dos que sofrem, se interessando pelos mais diversificados problemas latentes dentro e fora de cada pessoa, nos desafia a um resgate de tudo o que implica em vida abundante. Se Jesus manteve um relacionamento íntimo com o Pai, quis reivindicar que todo o homem e o homem todo precisa encontrar sentido para viver a sua vida a partir desse relacionamento, através de uma abertura de coração e serviço que culmina em adoração. Jesus é o paradigma da pessoa humana; é a síntese entre o humano e o divino.

Deus, por outro lado se manifesta em Jesus tal como é em si mesmo, existe em Jesus como em si mesmo, numa comunhão de existência, como Pai que lhe dá toda a sua razão de ser. O Deus de

Israel e o Deus de Jesus Cristo se revela na história aos seres humanos, não falando unilateralmente, mas em intercâmbios de palavras que vão pontuando a história, dialogando com os homens, de sorte que esta história se torne a sua.³⁷

Deus restabelece relacionamento pessoal com o homem. O homem responde pessoalmente à proposta de Deus, obedecendo à sua vontade que implica realização da justiça e do amor efetivo. Essa decisão e o diálogo de Deus com o homem são vivenciados na história. O Deus do diálogo, da eleição e da aliança não aniquila a história humana. O ser humano é imagem de Deus pela sua estrutura dialógica e pela sua capacidade de ser responsável. O ser humano foi criado por Deus para ser seu cooperador. O homem não é o dono do mundo, mas é seu administrador³⁸. Logo, para resgatar o verdadeiro lugar de *ser humano* na história, com conseqüências antropológicas profundas, deve-se observar e colocar em prática tudo o que se refere à práxis histórica de Jesus de Nazaré. A partir desse resgate pode o homem assumir a sua verdadeira mordomia em relação a todos os elementos constitutivos em nível ecológico, passando a zelar pela paz do planeta, onde parece que tudo vai perecer se não assumirmos a postura de Jesus, a Palavra de Deus encarnada na história.

E, tendo a verdadeira concepção de Deus e do ser humano, segundo o ensino evangélico, ficaria incompleto o ensino sem a verdadeira concepção de salvação, a qual Deus providenciou de forma maravilhosa.

3 - UMA REAL VISÃO DA SALVAÇÃO (*Soteriologia*)

As implicações do *evento Cristo* na história dos humanos puderam modelar todos os ângulos desprovidos de egoísmo e individualidade, sendo estes frutos da mente cauterizada pelo mau uso do desejo, que se tornou idolátrico, causando sofrimento no semelhante. Que implicações de salvação? Que salvação?

*Jesus Cristo revelador e realizador único da salvação.*³⁹ Deus se revela ao vir ao nosso encontro para nos salvar, e assim o faz, em Jesus Cristo. O discurso soteriológico não pode deixar de prescindir da salvação que se concretizou no Filho de Deus feito Filho do Homem. A obra da salvação se define a partir da pessoa e dos atos todos de Jesus de Nazaré. Ele se entregou por “nós”, segundo o que está nos textos neotestamentários: 1 Co 15.3; 2 Co 5.14; Rm 8.32; Gl 1.4; 2.20; etc. A expressão “*hyper*”, apresenta um significado profundo para a humanidade, em dimensões salvíficas profundas: *por causa de nós, por nós e em nosso lugar*.

O texto de Romanos 3.23-24 não é apenas um relato ou a simples informação da transgressão do homem como pecador, mas envolve aspectos teológicos e doutrinários, no sentido de que, como Palavra de Deus, o seu ensino molda e aperfeiçoa o caráter. “*Todos pecaram*”, significa o pecado definido como “transgressão da lei”. É a falta de conformidade com a Glória de Deus. É o afastamento de Deus, e conseqüentemente o afastamento também dos outros seres humanos. O pecado aborrece a santidade de Deus e obscurece a vida humana. Até mesmo a Natureza geme por causa do pecado. Diante disso, lemos em Paulo que “*Não há um justo sobre a face da terra*”. Destarte, somente a justificação mediante a entrega de Jesus Cristo por nós, nos assegura a redenção. “*Justificados*”, significa “declarados justos diante de Deus”, isto é, livres da condenação. “Justificar” era um termo legal que significava assegurar um veredicto favorável, absorver, vindicar, declarar justo, utilizado nos antigos tribunais romanos. Nas Escrituras é um ato de Deus, que é oferecido pela salvação em Jesus Cristo, segundo o Novo Testamento.⁴⁰

A salvação em Jesus Cristo é vista mediante três pontos fundamentais: 1) Foi processada fora de nós (*extra*). É exclusivamente pela graça (*xáriti dià*). Não teve a participação do homem, por estar morto em seus delitos e pecados (Ef 2.1-10). Só Jesus Cristo, sem pecado, pode realizar essa obra

maravilhosa. 2) Foi providenciada para nós. Em favor da humanidade, pois, é da vontade de Deus que todos sejam salvos (Rm 3.29; Jo 3.16). “*Deus amou o mundo de tal maneira*”, esta é a mais profunda afirmação da história da salvação. 3) Foi realizada em nós (*intra*). É aplicada dentro do homem, gerando nele uma consciência alicerçada pela dimensão do Espírito Santo, que nos faz compreender a suficiência da obra do Filho de Deus. Jesus Cristo é o “Emanuel”, o Deus em nós.⁴¹

Mário de França Miranda é muito claro ao afirmar que, a intimidade de Jesus com Deus, que Ele chamava de Pai, seja pela sua obediência (Jo 5.30), seja pela atividade comum (Jo 5.19; 10.30), seja pelas suas palavras que são as do Pai (Jo 12.49), demonstra ser este o amor de Deus pela humanidade. Daí ser Jesus Cristo a manifestação da bondade de Deus e de seu amor pelos homens (Tt 3.4; 1 Jo 4.9). Amor realmente vivido no interior da história, de modo perfeito e definitivamente incondicionado pelo ser humano.⁴²

Joseph Moingt, em sua obra *El Hombre que venía de Dios* trata de uma salvação da história.⁴³ Esse autor enfoca que o próprio pensamento escatológico garante a espera de uma salvação para todos, não extra-história, mas intra-histórica como resposta positiva diante de todos os males que fazem a humanidade sofrer. A salvação tem um sentido todo especial a ponto de encorajar o ser humano a viver diante de todas as realidades, onde se pode recuperar o que somos e aquilo que somos capazes de reconhecer como a causa de significado para nós mesmos e para os outros. Essa salvação é prometida ao homem como uma vida inteiramente nova. Logo, pode-se pensar no Reino de Deus antevisto como o reinado dos valores de justiça, paz, liberdade e fraternidade, que dão significado pleno à existência humana. Jesus Cristo é justamente o que aparece claramente como a figura de destaque da esperança de seu povo. E, nesse contexto, não existe nenhuma barreira que possa estancar o reinado de Deus e a história, que têm o seu seguimento na intenção de construir um futuro melhor pela realização do evento Cristo já no aqui e agora da caminhada.

Os dois pontos principais dessa realização são a liberdade e o amor fraterno⁴⁴. John Hick em *The Pluralistic Hypothesis*⁴⁵, argumenta que o Cristianismo sozinho conhece e ensina a salvação, que é sua verdade central, que considera Jesus como Senhor e Salvador, pleiteando sua expiação pela morte, e se entrando na Igreja como a comunidade dos redimidos, pela abundância dos frutos do Espírito (Gl 5. 22-23). Na parábola das ovelhas e dos bodes o critério de julgamento divino é simples se nós tivermos alimentado o faminto, acolhido o estranho, vestido o nu, e visitado o enfermo e o preso (Mt 25. 31-46). Isso é considerado o fruto do Espírito, o que define a salvação em Jesus como o caminho concreto, a transformação do ser humano gerando uma ação transformadora. Eles não são primariamente filosofias ou teologias, mas caminhos de salvação/libertação, como fruto da ação do Espírito Santo, que desconhece limites de espaço e tempo, de etnias, culturas e religiões.⁴⁶

Que salvação anunciar na situação presente da humanidade? Este problema condiciona o acesso através da fé. Não se trata de um outro problema: não se pode proclamar que Jesus é chefe e salvador, libertador da humanidade, sem dizer de que perigos livra, e sem saber que salvação propõe⁴⁷. Essa salvação é a coragem para encarar o futuro, quando a pessoa reconhece ser ela mesma ainda que viva num mundo de ambigüidades; mesmo diante da morte que rodeia o homem. Aí sucede o que ensina a Bíblia como Palavra de Deus, em que o clamor do povo no exílio é o lamento de um povo que tem Deus como auxílio, encontrando-o na misericórdia, que é traduzida em libertação da escravidão. Esta salvação é a esperança militante, que determina a atuação do homem na história, numa vida sempre por vir a ser, considerando que essa esperança não depende de nós mesmos, mas da fé em Deus. A coragem de existir só se dá na experiência do encontro com Deus, não imediatamente a fé em haver encontrado Deus, mas em ser surpreendido por Ele⁴⁸. A coragem de existir se fundamenta no Deus que aparece quando há a angústia e até mesmo a dúvida.

É importante saber que o homem não pode voltar à vida sem o ato de fé, sem crer que Jesus é o Salvador. Através de Jesus, Deus começa uma nova história, assumindo um compromisso de vida, possibilitando ao homem uma vida plena de sentido histórico. Essa iniciativa sendo divina é realizada no humano, como sendo a gratuidade que transcende a todos os pontos negativos da desumanidade.

Retomando o ponto argumentado por John Hick, a respeito de Mateus 25.31-46, em sua obra *The Pluralistic Hypothesis*, considerando fruto do Espírito o acolhimento, percebe-se claramente que, por outro lado, é salvo quem se abre para Deus e para o outro. Os que são declarados benditos não o são somente por haver feito o bem em seu nome, por motivos de fé, senão simplesmente por compaixão com os que sofrem; os outros, são malditos pela falta de coração; tiveram a oportunidade de aderir ao projeto de Jesus, que é a causa humana, e não se importaram, uma vez que o sabiam, entretanto não a realizaram. Destarte, Jesus é o salvador universal salvando da morte aquele que se entrega.

Jesus é o único mediador definitivo da salvação, dando cumprimento a todas as suas possibilidades, libertando os homens do jugo do pecado e abrindo um acesso direto a Deus em si mesmo. O Filho de Deus se entregou por nossa salvação, o Deus presente na cruz, reconciliando consigo o mundo (2Co 5.19), era Ele quem obrava essa reconciliação indo às últimas conseqüências. Logo, podemos pensar na salvação como obra de vida, e que contrasta com todas as tradições religiosas dos escribas e fariseus opressores daqueles que não podiam se defender.

Como mediador, Jesus faz o *seu convite magistral* (Mt 11.25-30). Depois da retumbante oração e grande louvor ao Pai, caracteristicamente descritiva do espírito fervoroso de Jesus, ele que possuía total e completa percepção do conhecimento de Deus, elabora um convite imemorável⁴⁹. “*Vinde a Mim*”- o convite é lançado a qualquer pecador que perceba a sua condição pecaminosa e que possa reconhecer a necessidade de servir a Deus. “*EU*”- é enfático: Jesus Cristo pode mostrar ao cansado o descanso de que tanto precisa, bem como dar-lhe confiança para com Deus. “*Jugo*”- contrasta com o jugo da Lei. Jesus oferece um jugo que se deriva do próprio conhecimento de Deus. É o verdadeiro caminho para Deus através da pessoa do Messias. O Seu jugo é suave. Plenifica a vida humana. Contrasta com os jugos dos romanos, que impunham ao povo taxas altas, impostos caros; e dos fariseus, que impunham meticulosa observação da Lei. O grande convite de Jesus põe fim a todo tipo de escravidão, porque é o convite para a salvação.

A vitória sobre o pecado e a morte e a plenitude do que a fé cristã entende como salvação é a realização definitiva e perfeita do ser humano, em todas as suas dimensões, em Deus, sob a ação do Espírito Santo⁵⁰. Ainda que nosso conhecimento seja fragmentado e imperfeito, contextualizado e limitado, podemos testemunhar ao mundo a vitória de Jesus sobre a morte, que é a sua ressurreição, da qual fazemos parte, sendo essa a nossa proclamação em fé.

A implicação do evento Cristo no campo soteriológico elucida o fato de que Deus se importa com a sua criação, de que podemos viver plenamente no caminho que foi aberto por Jesus Cristo, o único mediador de vida, para que possamos existir não somente para nós mesmos, mas também para o próximo em todas as suas dimensões.

¹* Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil (Igreja Presbiteriana de São Cristóvão), Mestre em Teologia Sistemática pela PUC-Rio. Professor de Teologia Sistemática do Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro

¹ MIRANDA, M. F. (1992). *Um Homem Perplexo*. Página 5.

² Ibidem. Página 7.

-
- ³ MIRANDA (1992), página 10. *Como ser cristão numa sociedade pluralista*. Esse teólogo faz uma abordagem acerca da atual situação em relação ao contexto hodierno. A leitura de sua obra é significativa para uma melhor compreensão do assunto.
- ⁴ MIRANDA (1992), página 11.
- ⁵ Numa sociedade globalizada nada é excludente. Tudo é relativo, inclusive a própria vida e também a religião.
- ⁶ BINGEMER, M. C. (1993). *Autoridade e Vulnerabilidade*. Páginas 36-37. Concorda com Mário de França Miranda acerca da perplexidade no contexto atual. A leitura de sua obra é recomendada para um melhor aprofundamento.
- ⁷ Ibidem. Página 38.
- ⁸ MIRANDA (1992). Página 12. Cito literalmente o argumento desse teólogo.
- ⁹ BINGEMER (1993). Página 17. *Crise da Modernidade e Questão Religiosa*. A posição dessa teóloga é muito interessante. Vale a pena verificar a sua obra de referência para um melhor aprofundamento.
- ¹⁰ BINGEMER (1992). Página 18.
- ¹¹ BINGEMER (1993). Página 20. Todas essas referências constantes na obra dessa teóloga, *Autoridade e Vulnerabilidade* é fruto de uma intensa pesquisa e contém uma vasta bibliografia, que vale a pena consultar.
- ¹² BINGEMER (1993). Página 39.
- ¹³ Ibidem. Página 71.
- ¹⁴ Ibidem. Páginas 54-58. Essa teóloga expõe com objetividade a existência de uma crise na modernidade acerca de Deus, o que levou a pós-modernidade também à uma crise acentuada, respectivamente.
- ¹⁵ BINGEMER (1993). Página 55. Cito literalmente o argumento dessa teóloga.
- ¹⁶ MOINGT, J. (1995). *El Hombre Que Venía de Dios*, Volume II, página 89. Esse teólogo tenta resgatar a partir da Cristologia, segundo os relatos dos evangelhos, uma concepção de Deus na História em sua ação trinitária, partindo de modo inverso, segundo o que consta na tradição determinada pelos concílios da Igreja, nos séculos de História da Igreja.
- ¹⁷ Ibidem. Página 89.
- ¹⁸ MOINGT (1995). Página 96ss. Esse teólogo descreve de modo profundo e indubitável o significado dessa entrega, revelando, portanto, o verdadeiro Deus que se entrega por amor à criação.
- ¹⁹ MOINGT (1995). Página 98.
- ²⁰ Ibidem. Página 101.
- ²¹ MOINGT (1995). Página 107.
- ²² Ibidem. Página 115. Esse teólogo argumenta enfocando o *Dom* e o *Resgate*, que culmina no profundo amor de Deus pelos homens assumido por Jesus de Nazaré.
- ²³ MOINGT (1995). Página 117.
- ²⁴ MOINGT. Páginas 150-151.
- ²⁵ Ibidem. Páginas 159-168. Esse teólogo trata desse assunto que é de suma importância a fim de que a vida tenha pleno sentido. É um assunto incentivador à vida: essa nova identidade de Deus manifestada na pessoa e obra de Jesus de Nazaré. É um texto para ser lido com profunda reflexão, nesse contexto, hoje, quando parece que a vida não encontra mais razão de ser, o que deve ser segundo a visão bíblica, e mais particularmente, a do Novo Testamento.
- ²⁶ Ibidem. Página 163. O conspirar teológico que esse teólogo aborda é profundo, pois mostra o rosto de um Deus que não oprime, antes executa o seu amor libertador, no sentido de haver uma empatia com o ser humano, que se constituiu o objeto do desejo da Divindade ardente em amor incondicional.
- ²⁷ MOINGT (1995). Páginas 229-246. Penso ser necessário verificar essa parte da obra desse teólogo, que nos faz compreender de maneira mais profunda o sentido de ser Deus o Pai de Jesus, bem como as implicações dessa concepção, para que se possa ter uma sensibilidade verdadeira acerca de Deus.
- ²⁸ Ibidem. Página 210.
- ²⁹ MOINGT (1995). Página 210. É enfatizado tudo isso no sentido de se apresentar Jesus como o verdadeiro paradigma do relacionamento de amor com o Pai, concebendo-se o significado real da expressão que se atribui a Jesus: “*Pai, em Tuas mãos ponho o meu espírito*”, como uma de suas últimas palavras da cruz.
- ³⁰ MOINGT (1995). Página 214.
- ³¹ Ibidem. Página 222.
- ³² Ibidem. Página 222.
- ³³ MOINGT (1995). Página 224.
- ³⁴ Ibidem. Páginas 258-269. É detalhada com muita precisão a importância da história da concepção de Jesus de Nazaré, nascido de uma mulher, a virgem Maria, mostrando a verdadeira e segura, a plena humanidade do Filho de Deus.
- ³⁵ MOINGT (1995). Página 261. *El Hombre que venía de Dios*.
- ³⁶ Ibidem. Página 289.
- ³⁷ MOINGT, J. Trata de Jesus como o paradigma da pessoa humana, e tenta resgatar a verdadeira concepção de ser humano.
- ³⁸ RUBIO, A. G. (1992). *Unidade na Pluralidade*: III Capítulo. É uma obra bem elaborada, e que apresenta uma argumentação objetiva sobre esse tema muito importante.
- ³⁹ MIRANDA, M. F. *Jesus Cristo, obstáculo ao diálogo religioso*. REB 57, fasc. 226, junho/1997, Vozes. Páginas 253-264.
- ⁴⁰ ROCHA, N. C. M. *A Salvação em Jesus Cristo* (1994). Os três aspectos básicos para a compreensão da Salvação. Sermão pregado no Tempo Comum da Igreja.

⁴¹ ROCHA (1994). Ibidem.

⁴² MIRANDA, M. F. REB 57, fascículo 226 de junho de 1997, página 254. Para uma melhor compreensão cito literalmente a argumentação desse teólogo, pois está muito bem exposta em relação à salvação em Jesus Cristo, o que vale à pena recorrer ao Artigo que se encaixa bem no contexto hodierno.

⁴³ MOINGT, J. *El Hombre que venía de Dios*. Páginas 53-58.

⁴⁴ Ibidem. Página 35.

⁴⁵ HICK, J. *The Rainbow of Faith. The Pluralistic Hypothesis* (1995). *Salvation*. Parable of the Sheep and the Goats, the criterion of divine judgment is simply whether we have fed the hungry, welcomed the stranger, clothed the naked, and visited the sick and imprisoned (Matt 25 31.-46).

⁴⁶ MIRANDA, M. F. REB 57, fascículo 226, página 259.

⁴⁷ MOINGT (1995). Página 37.

⁴⁸ MOINGT (1995). Página 40. Uma das mais ricas expressões da obra desse teólogo, o que fascina o leitor é saber que temos um Deus que nos surpreende com a sua salvação.

⁴⁹ ROCHA (1995). *O Maior Convite de Todos os Tempos*. Mateus 11.25-30. Sermão do Tempo Comum da Igreja.

⁵⁰ MIRANDA, M. F. (1997). REB 57. Fascículo 226, página 259.